

Apesar do propósito de correcção de erros do passado e de intervenção em certas áreas económicas

Vimos bem os erros cometidos em Moçambique e, por isso, o ANC não vai nacionalizar nada

— afirma Patrick «Terror» Lekota, cabeça de lista do ANC para o cargo de primeiro-ministro do Orange Free State

Foi eleito na 8.ª Conferência do Congresso Nacional Africano como membro do Comité Nacional Executivo e também faz parte integrante do Comité Nacional de Trabalho, um órgão que controla os percursos diários do partido. Desde tenra idade lutou abnegadamente pelos direitos mais dignos do cidadão na África do Sul. Esteve detido na Ilha de Robin juntamente com outros dirigentes do Congresso Nacional Africano, casos de Nelson Mandela e Walter Sisulu. Referimo-nos a Patrick «Terror» Lekota que é, como o proferiu com toda a propriedade, «cabeça de lista pelo Congresso Nacional Africano no Estado Livre de Orange».

COMUNIDADE PORTUGUESA: ELEMENTO IMPORTANTE PARA UM GOVERNO DEMOCRÁTICO

SJ — Como define a Comunidade Portuguesa?

P.T.L. — É uma Comunidade minoritária no seio da sociedade sul-africana, que tem sido estigmatizada pelo presente Governo com o rótulo de «White Kafirs», mesmo sendo uma Comunidade Europeia. É uma Comunidade que lutou bastante pela sua sobrevivência neste País, e sem dúvida que desempenha um papel muito importante, concretamente no sector económico. Sem dúvida que é uma das comunidades que constitui um elemento importante para o Governo Democrático.

SJ — Como conduziria o ANC a campanha eleitoral para angariar votos na Comunidade Portuguesa?

P.T.L. — Os votos da Comunidade Portuguesa são muito importantes para o ANC. O partido fará tudo o que estiver ao seu alcance para garantir um lugar digno à Comunidade Portuguesa no seio da sociedade sul-africana.

A Comunidade Lusa não será uma comunidade estigmatizada mas com direitos próprios na sociedade. Sublinho ainda que, com o ANC liderando um Governo democrático, a Comunidade Portuguesa verá a sua participação no sector económico do País muito mais favorecida. Para além disto, deverá manter as suas tradições culturais na medida em que, dessa forma, enriquecerá a sociedade sul-africana. Desta forma, isto é, protegendo a Comunidade Portuguesa, conseguiremos estreitar os laços económicos e culturais entre Portugal e a África do Sul.

SJ — Mas não se vê nenhum candidato português nas listas eleitorais do Congresso Nacional Africano...

P.T.L. — A razão é simples e muito honesta. A lista de candidatos foi submetida a um processo democrático e na altura não havia candidatos portugueses. Não houve nenhuma outra razão...

ANC PRONUNCIA-SE SOBRE O LUSAP

SJ — Como reagiu perante o surgimento do LUSAP (Luso-South African Party)?

P.T.L. — Penso que é importante que as tão faladas comunidades minoritárias sejam reconhecidas. Disso o Congresso Nacional Africano não tem dúvidas. Sinceramente não tenho reparado muito bem na linha política do LUSAP, no entanto julgo que um partido como este, que possivelmente pretenderá garantir que as vontades da sua comunidade sejam ouvidas no cenário político do País, peca por ser pequeno e jamais será capaz de provocar o impacto pretendido. Acrescento ainda que o País caminha para uma sociedade multirracial e insisto que deveríamos ter mais luso-sul-africanos a participarem de uma forma mais activa junto do ANC, tal como já se verifica, aliás, com outras comunidades minoritárias e/ou maioritárias radicadas no País.

AUTORIZAÇÕES CAMBIAIS PARA FÉRIAS

SJ — Os portugueses residentes na África do Sul gostam de dispender as suas férias em Portugal. Com o ANC na liderança governamental, que política teremos no que diz respeito às autorizações cambiais?

Manter-se-ão, reduzir-se-ão ou serão aumentadas?

P.T.L. — A interacção com as restantes nações do Mundo tem sido objecto de grandes análises nas cúpulas do ANC, e está muito claro que gostaríamos de ter uma relação com as restantes nações bastante fluida. Neste preciso momento ainda não nos debruçamos perante detalhes como este, contudo, de acordo com a nossa política de intensificação e fortalecimento da cooperação com os restantes países, consideraremos cuidadosamente como poderemos tornar possível aos cidadãos viajarem desreocupadamente.

Tentaremos encorajar também os cidadãos portugueses a deslocarem-se ao nosso País na medida em que o turismo é uma importante fonte de receita para a economia sul-africana. É preciso entender que o nosso ideal

«Num Governo de Unidade Nacional, as decisões não poderão ser tomadas unilateralmente pelo ANC»

de governar o País é sempre uma opção visto que, perante um sistema democrático, os outros partidos possuem também os seus ideais que terão de ser respeitados e considerados. Estaremos perante uma democracia multipartidária.

VOTO DOS RESIDENTES EM 1999 AINDA NÃO ESTÁ GARANTIDO

SJ — O ANC apoiará o voto dos residentes nas eleições de 1999?

P.T.L. — Estas eleições de Abril de 1994 são um caso ímpar. São muito diferentes das que se realizarão em 1999.

As eleições que terão lugar a 27 de Abril são como que o virar da página a um passado guiado por uma política de segregação racial. Depois há outros pontos a serem tomados em consideração, como são os casos de muitos que adquiriram a cidadania sul-africana favorecidos pelas leis do actual Governo, havendo no entanto muitos outros que viram negado esse seu desejo.

SJ — Concretamente, os luso-sul-africanos, os italo-sul-africanos... poderão votar em 1999?

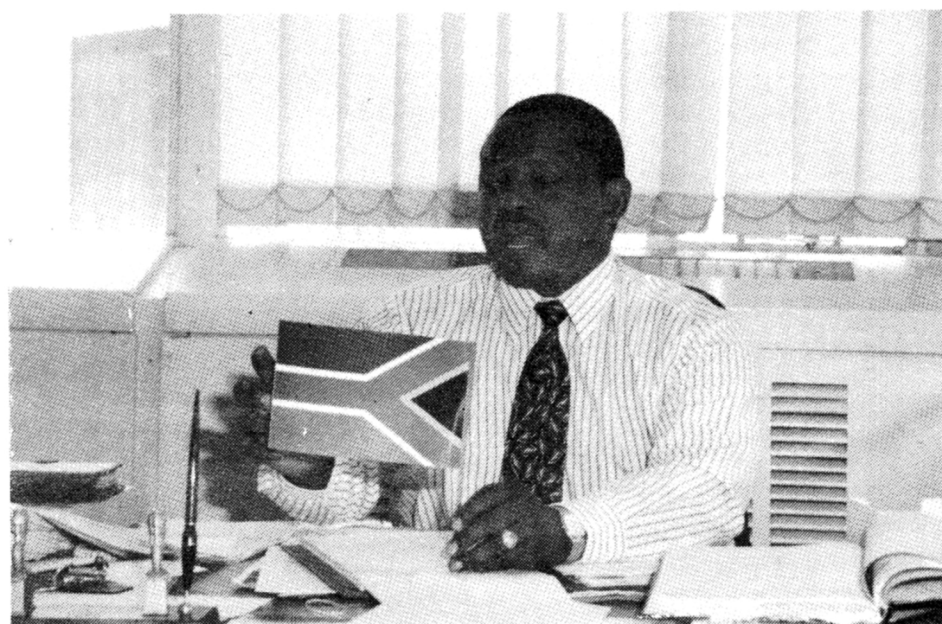
P.T.L. — É mais um tema sobre o qual ainda não nos debruçamos com detalhe. No entanto, existirão decerto muitos debates entre estas eleições e as próximas.

A minha opinião é que tentaremos persuadir o emigrante residente a naturalizar-se, a menos que possua certas reservas quanto à política governamental. Todavia penso que perante um Governo democrático não existirão essas apreensões.

PRIMEIRA LEI SERÁ A CONSTITUIÇÃO NÃO RACIAL

SJ — Qual será a primeira lei que o ANC irá propor quando assumir a liderança do País?

P.T.L. — Bom, a primeira lei, como se sabe, é a Constituição Não Racial, que será a base para a democracia e que fará com que a África do Sul seja um País com crédito a nível internacional.



PATRICK LEKOTA QUANDO EXPLICAVA AS CORES DA NOVA BANDEIRA DA ÁFRICA DO SUL

SJ — Quais os planos que o ANC pretende implementar no domínio da segurança social?

P.T.L. — É um pouco difícil responder a esta questão neste momento. Adoptou-se um manifesto relacionado com as eleições. Estamos agora a discutir os detalhes de como implementá-lo, isto é, há que convertê-lo num

te nada. Isto conduz também as pessoas ao acto criminal. Tendo alguma coisa a preservar, decerto terão comportamentos mais racionais.

SJ — Mas, como é que serão criados esses postos de trabalho?

P.T.L. — Planeámos o lançamento de um Programa Nacional de Trabalho, o que significa que pensamos investir criando novas facilidades que neste momento não existem...

INVESTIMENTO NUM PROGRAMA NACIONAL DE TRABALHO E ESCOLARIDADE GRATUITA SEM AUMENTO DOS IMPOSTOS...

SJ — Um Governo ANC vai investir ou... nacionalizar?

P.T.L. — Investir. A partir dos fundos públicos lançaremos esse Programa Nacional de Trabalho.

SJ — Vão aumentar os impostos?

P.T.L. — Não, não, mas já respondo a isso. Vamos tornar a educação gratuita, exigindo 10 anos como mínimo de escolaridade obrigatória. Não há escolas nos meios rurais, vemos crianças perdidas nos semáforos vendendo jornais que deviam estar na escola; as escolas que o País tem estão superlotadas. Uma vez deliberada a educação gratuita, teremos a necessidade de erguer muitos estabelecimentos de ensino por esse País fora, criando assim novos postos de trabalho.

No domínio da Saúde, o quadro é o mesmo. Teremos de construir muitos hospitais onde mais uma vez se abrirão novos postos de trabalho.

Estamos também empenhados num macro programa habitacional. Construiremos Um Milhão de casas nos próximos cinco anos. Isto será apenas financiado pelo fundo público. Reparem que estou a falar em 200 mil casas

Entrevista conduzida por JOÃO MENELAU PARASKEVA Fotos de CARLOS DA SILVA

papel importantíssimo. Não quero portanto antecipar-me e pronunciar-me sobre coisas que se calhar não se virão a materializar.

VIOLÊNCIA SERÁ RESOLVIDA COM CRIAÇÃO DE POSTOS DE TRABALHO

SJ — Quais os projectos que o partido possui para eliminar o crime e a violência política?

«A Comunidade Portuguesa, com um Governo liderado pelo ANC, verá a sua participação mais favorecida no sector económico da África do Sul»

P.T.L. — De acordo com o ponto de vista defendido pelo ANC, aspecto este aceite pela maioria dos respectivos intervenientes políticos, o dilema resolve-se com a criação de postos de trabalho. Neste momento o desemprego é superior a 40% da população economicamente activa. A grande maioria do elemento criminal provém desta realidade. Daí que iremos promover novos postos de trabalho. Esta é a grande prioridade do ANC.

Outro aspecto também muito importante é a habitação. Neste momento a grande maioria do povo sul-africano não tem rigorosamente

por ano e com isto criaremos novos postos de trabalho.

SJ — Mas, está a falar em cerca de 540 casas por dia... Acha este número exequível e humanamente possível?

P.T.L. — Não, não, digo 200 mil por ano...

SJ — Exacto, esse número dará uma média de cerca de 540 casas por dia.

P.T.L. — Bem, decerto que o programa no início será vagaroso mas... é um programa de cinco anos. Considerando a participação do sector público e privado, penso que conseguiremos.

(cont. na pag. 12)

Entrevista com Patrick Lekota, líder do ANC no Orange Free State

(cont. da pag. anterior)

P.T.L. — Sim, sim, penso que sim. A questão é muito simples. Para quê colocar uma base militar numa zona, numa região, que por sinal conseguiu sózinha encontrar os caminhos da paz?

LIBERDADE DO PAÍS VENDIDA COM A «ENTREGA» DAS BOMBAS ATÓMICAS?

SJ — Os governantes não venderam a liberdade do povo sul-africano ao «entregar» as bombas atômicas? Dá-se a entender que o 27 de Abril foi mais negociado no estrangeiro do que na África do Sul.

P.T.L. — O ANC defende uma coexistência pacífica com os países vizinhos. Não vemos a necessidade de possuímos a bomba atômica.

«O Continente é dos Africanos sejam eles brancos, negros, indianos ou mulatos. Daí que a eleição, no futuro, de um candidato não negro à Presidência da África do Sul é apenas uma questão de tempo»

Opusémo-nos mesmo ao seu fabrico aqui na África do Sul numa época em que, devido à guerra fria, os Estados do Ocidente muito ajudaram o Governo local no desenvolvimento da bomba atômica isto por conveniências políticas. O próprio Partido Comunista Sul-Africano não vê vantagens absolutamente nenhuma.

ANC CONSIDERA UM DEVER CONTRIBUIR PARA RECONSTRUÇÃO DE MOÇAMBIQUE

SJ — Moçambique ficou arrasado pelo apoio incondicional dado ao ANC. Mandela é libertado e, curiosamente, Moçambique não é dos primeiros países a ser visitado. E, quando o fez, o líder do ANC, segundo a Imprensa, não foi muito bem recebido pelo povo de Moçambique. Ainda hoje não tem havido muito (para não dizer nenhum) intercâmbio entre a Frelimo e o ANC. Neste si-

lêncio alguma relação com a morte do presidente Machel?

P.T.L. — Estamos profundamente gratos ao povo de Moçambique pelo apoio incondicional que nos deu durante muitos anos. Não temos forma como pagar tão grande ajuda.

Se, de facto, não tem havido encontros frequentes entre ambos os partidos é apenas porque neste momento o ANC possui outras prioridades mais importantes, que são os problemas do País. Se, no futuro, tivermos capacidade de poder contribuir para a reconstrução de Moçambique fá-lo-emos como um dever pela ajuda que aquele povo nos deu. E quando falo em povo moçambicano, refiro-me a brancos e negros.

RELAÇÕES ANC-PARTIDO COMUNISTA

SJ — Como pode o ANC querer dar ga-

rantias ao Ocidente quando tem como principal aliado o Partido Comunista Sul-Africano? Fala-se mesmo que o SACP é que é o cérebro do Congresso Nacional Africano.

P.T.L. — O ANC possui as suas próprias posições. Naturalmente os elementos do Partido Comunista são também membros do Congresso Nacional Africano.

«Ninguém tem o direito de poder tirar às pessoas o que elas adquiriram com o suor do seu trabalho»

SJ — Como é que se pode ser membro de dois partidos simultaneamente? Ainda por cima tidos com ideologias distintas?

P.T.L. — A aliança entre o ANC e o Parti-

do Comunista baseia-se apenas no objectivo comum que ambos temos de criação de uma sociedade não racial. Ambos pugnamos com veemência pela igualdade entre brancos e pretos. Além do mais tanto o ANC como o Partido Comunista concordam que a melhor via para este processo histórico que vivemos neste momento na África do Sul é o diálogo. Todavia, e digo isto na maior das sinceridades, quando o Partido Comunista sentir que a política seguida pelo ANC não perfaz os seus interesses, a aliança cessará.

SJ — Como é que um partido que diz defender os direitos do homem, que diz defender uma economia de mercado consegue fazer pactos com grupos políticos que defendem ideologias repressivas?

P.T.L. — Não entendo porque diz que o Partido Comunista defende uma ideologia repressiva...

SJ — Bem, o comunismo tem-se traduzido em governos de repressão... Não há radicais modernos...

P.T.L. — O Partido Comunista Sul-Africano defende a igualdade do cidadão na África do Sul. Apoiou sempre a defesa da liberdade. Lutou sempre contra as formas de repressão. No entanto, concordo nesse ponto. O caso dos estalinistas que é um movimento guiado pelos seguidores da filosofia de Josef Staline, um movimento de opressão sem sombra de dúvida, no entanto também temos a figura exemplar do Marchal Broz Tito na então Jugoslávia.

No que diz respeito ao Partido Comunista, não temos notado qualquer tendência na defesa de sistemas de repressão. Pelo contrário, na Constituição, o Partido Comunista defende a liberdade de consciência, a liberdade

religiosa... Note-se que com a Perestroika muitos partidos comunistas tiveram de redefinir as suas linhas de orientação política. O SACP teve em consideração a realidade que foi a queda do Bloco do Leste.

SJ — «Os brancos que abandonarem o País não levarão fogões nem aparelhos de ar condicionado». Com todo o orgulho isto foi proferido por um elemento da AZAPO há cerca de uma semana. O Mundo decerto viu...

P.T.L. — Olhe, são as declarações mais insensatas que ouvi nos últimos tempos. Não concordamos de modo algum com declarações desse tipo. As pessoas podem não ter trazido consigo fogões e aparelhos de ar condicionado quando vieram, mas o facto é que aqui trabalharam e fizeram computadores, e tantas outras coisas.

Pensamentos e declarações como essas proferidas pela AZAPO são inconcebíveis e muito perigosas. O que as pessoas têm é o produto do seu suor, têm direito a elas e isso é um direito que ninguém lhes poderá tirar. Trabalharam para ter esses bens materiais. Por exemplo se eu hoje fôr para os EUA e arranjar um emprego, e do meu salário, obtido com o meu suor, comprar carro, televisão, computador etc... ninguém mas mesmo ninguém me poderá impedir de um dia levar tudo isso comigo se me decidir ir embora.

Os nossos antepassados que foram levados como escravos para os EUA, os seus descendentes lá trabalham e vão acumulando certos bens. Pois ninguém lhes poderá proibir de os trazerem consigo caso queiram regressar à terra mãe. Foi conquistado com o seu suor diário.

SJ — Está preparado intelectualmente para assumir que o Continente Africano é dos Africanos sejam eles brancos, negros, indianos ou mulatos?

P.T.L. — Bem, nos princípios de 1955, dissemos que a África do Sul pertencia a todos os que nela vivessem. Negros e brancos.

SJ — No futuro poderá então apoiar a candidatura de um presidente branco, ou indiano. O ANC pode fazer avançar no futuro, um candidato presidencial branco ou indiano?

P.T.L. — Claro que sim. Absolutamente. Sabe, é tudo apenas uma questão de tempo. Acredito que a população deste País numa determinada altura poderá eleger para líder deste País um presidente branco ou indiano. É tudo uma questão de tempo.